

## IDENTIDADE E ANTISEMITISMO

ROHRER, *Francisco Wanderlei*<sup>1</sup>

**Resumo:** No ponto de intersecção entre o estudo da identidade e o do anti-semitismo, atos de violência e intolerância explícita contra a comunidade judaica remetem à busca de compreensão desse trágico fenômeno por amplas camadas da sociedade. Diante da reprovação da prática de violência contra os judeus na II Guerra Mundial, várias ocorrências na história contemporânea comprovam que o antisemitismo continua vivo e ativo. O tema é envolvente e traz em seu bojo o absurdo a que os semelhantes da mesma espécie humana são capazes de chegar. O antisemitismo é um movimento tão complexo, que, se o evocamos, não é possível emudecer. Em sua essência paira a inveja de ofício e o preconceito hereditário. O partido nazista disseminou o ódio para amalgamar o antisemitismo entre os cidadãos alemães. Numa época em que a exaltação ao nacionalismo germânico atingia sucesso estrondoso, lacraram-se lojas e impediam-se professores de ensinar nas escolas. O povo foi induzido a boicotar os negócios dirigidos por judeus e uma onda de repressão contra esse povo teve início com diabólico desfecho. Julga-se, portanto, um assunto inconcluso, mas de extrema relevância e atualidade em um mundo em que minorias sociais ainda são vitimizadas por violências físicas e emocionais. Diversas gerações ainda testemunharão o contexto do antisemitismo, pois não se apagam em alguns anos os efeitos do ódio e do desprezo difundidos por dois milênios. Percebe-se entre a identidade e o antisemitismo uma tênue inter-relação, uma vez que suas análises recaem no fato de se constituírem em opostos complementares. Esse texto é um apanhado teórico e uma tentativa em manter viva uma parte da história que marcou indelevelmente esse povo.

**Palavras - chave:** Antisemitismo. Identidade. Preconceito. Violência. Minorias sociais.

**Abstract:** At the point of intersection between the study of identity and anti-Semitism, violence and explicit bigotry against the Jewish community remit to the search for understanding of this tragic phenomenon by broad layers of society. Facing with disapproval the practice of violence against Jews in World War II, several events in contemporary history proves that anti-Semitism remains alive and active. The theme is engaging and brings with it the absurdity similar to that of the same human species are capable to reach. Anti-Semitism is such a complex movement which, if we recall, one cannot mute. In its essence hovers the envy of craft and the hereditary prejudice. The Nazi party spread hatred to amalgamate antisemitism among German citizens. At the time when the exaltation of German nationalism reached resounding success, shops were

<sup>1</sup> Francisco Wanderlei Rohrer é Diretor Geral da Faculdade Metropolitana de Caieiras do Grupo UNIESP, Mestre em Psicologia pela PUC e Mestre em Ciências Policiais e Ordem Pública pelo CAES/PM. E-mail rohrer@uol.com.br

sealed up and teachers were hindered to teach in schools. People were induced to boycott the businesses run by Jews and a wave of repression against them started with devilish outcome. It is believed, therefore, it is an unfinished matter, a theme of extreme importance and relevance in a world where social minorities are still victimized by physical and emotional violence. Several generations will yet witness the context of antisemitism because this will not fade in a few years the effects of widespread hatred and contempt for two millennia. It is noticed between identity and antisemitism a tenuous interrelationship, since their analyzes fall into the fact that they represent complementary opposites. This text is a theoretical overview and an attempt to keep alive a part of history that has indelibly marked this people.

**Keywords:** Anti-Semitism. Identity. Prejudice. Violence. Minorities.

O presente ensaio pretende traçar o ponto de intersecção entre o estudo da identidade e o do antisemitismo em cujos atos de violência e intolerância explícita contra a comunidade judaica remetem o ocidente a buscar compreender melhor esse trágico fenômeno que permeia amplas camadas do tecido social.

A despeito da reprovação universal pela prática de violência sistemática contra os judeus, vivenciada durante a II Guerra Mundial, inúmeras ocorrências da história contemporânea comoveram a opinião pública e patentearam o antisemitismo como um modelo vivo e ativo entre inúmeros segmentos da sociedade.

Dentre elas, ganhou repercussão mundial a maior tragédia da história das Olimpíadas, na cidade de Munique, em 5 de setembro de 1972 na qual terroristas palestinos sequestraram e mataram onze atletas israelenses dentro da vila olímpica.<sup>2</sup> Também ficou conhecido o ataque de 18 de julho de 1994, em que um carro-bomba demoliu uma associação judaica no centro de Buenos Aires deixando 85 mortos e centenas de feridos.<sup>3</sup> No ano 2000, uma pessoa foi agredida e morta, na Praça da República em São Paulo, por “carecas”, membros de um grupo radical neonazista do ABC paulista.<sup>4</sup> Em 2012, uma equipe de policiais militares explodiu uma mala por ameaça de bomba em uma sinagoga no centro da cidade de São Paulo.<sup>5</sup>

Os sentimentos ambivalentes do antisemitismo se multiplicam na medida em que os infortúnios se amenizam. Julga-se que o entendimento desta lógica é importante para a compreensão da identidade anti-semita, pois identidade também é referência. O judeu,

---

<sup>2</sup>[veja.abril.com.br/idade/exclusivo/terror\\_internacional/15\\_mais.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/terror_internacional/15_mais.html).

<sup>3</sup><http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/2011/07>.

<sup>4</sup>“Veja” edição 1645, ano 33. n° 16, de 19 de abril de 2000 p. 105.

<sup>5</sup><http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,policia-detona-mala-em-frente-de-sinagoga-em-sp,888417,0.htm>

habitante do Reino de Judá ou do povo de Israel após o cativo da Babilônia, foi alvo de conotações pejorativas, ora por motivos religiosos, ora pela discriminação étnica devido à usura ou ao comércio bancário vedado aos cristãos.

Johnson (1995, 17) afirma que o registro histórico do Velho Testamento foi descartado por eruditos alemães a partir das primeiras décadas do século dezenove. Grandes partes foram descritas como mito religioso; lenda transmitida oralmente nas várias tribos hebraicas. Segundo o autor:

O papel singular dos judeus foi colocado nos bastidores, a realização do monoteísmo mosaico foi progressivamente corroída, e a reescritura da história do Velho Testamento estava permeada por uma qualidade sutil de antijudaísmo, manchada mesmo por antisemitismo (JOHNSON, 1995, 18).

Ao impor sua violência e legitimá-la com a criação do mito pelo ariano dominante ao judeu dominado, outra reflexão vem à tona e também deve ser considerada: os interesses econômicos dos governantes dos Estados ocidentais. O advento da Revolução Industrial gerou uma migração desordenada do campo para a cidade. Seu fruto foi o desemprego em larga escala pelo excedente de mão-de-obra.

Com o desemprego, os proeminentes donos do poder se viram ameaçados, encontrando em sua tábua de salvação grande oportunidade para destruir seus principais concorrentes - os judeus. A saída foi jogá-los contra o povo e a opinião pública, estimulando o ódio a eles.

Então, os judeus, detentores de capital líquido, foram eleitos como “estranhos”, “sujos”, “traidores”, “inimigos” e “cruéis”. Toda vez que a crise econômica exigia dos reis e imperadores pronto acesso ao capital, fazia-o com escopo definido: perseguir e expulsar os judeus. Era garantia segura de, por um lado, saciar a opinião pública, elegendo um bode expiatório sobre o qual se descarregariam as frustrações geradas pela crise. Normalmente, isso se refletia na fome das classes menos favorecidas. De outro lado, acessava rapidamente, sem controle ou juro, o capital amealhado pelos judeus.

Para moldar a análise da relação entre a identidade e o antisemitismo carece isolar o antisemitismo e tratar simplesmente do semita e de sua cultura. De outro modo, é preciso previamente lastrear o entendimento da mediação da teoria da identidade,

segundo a concepção dos múltiplos autores, dos quais alguns poucos aqui serão discutidos.

Um dos principais estudos sobre a identidade humana foi fecundado por Ciampa (1996), que vê a construção da identidade sedimentada no processo de existência do indivíduo. Seu início ocorre com a atribuição do nome ao recém-nascido. Contudo, o nome não é a identidade. O nome é uma representação da identidade, pois, a identidade pode ser representada de diversas outras maneiras, além do nome. Na transcrição fiel do autor, lê-se que:

Posso representar a identidade de outras formas, além de usar nomes próprios: este recém-nascido, o filho de Fulano etc. Ao dar nome a alguém, ao chamar alguém de uma maneira, torno esse alguém determinado (CIAMPA, 1996, 132).

O filho de mãe judia é considerado judeu, independentemente da identidade do pai, pois a representação da identidade judaica é herdada da mãe. Com a cultura da poligamia, a identidade do pai nem sempre podia ser determinada com certeza. Segundo o costume judaico, o nome dado ao judeu pode, ou não, ser o mesmo utilizado na vida cotidiana. É sabido que os judeus que emigram de Israel são incentivados a abandonar seus nomes estrangeiros e assumirem sobrenomes hebraicos ou, simplesmente, traduzi-los para o hebraico.

Estes argumentos podem ser contrapostos ao enfatizado por Ciampa, quando diz que a identidade pessoal é encarnada pelas relações sociais (CIAMPA, 1996, 127). Graças às suas articulações no seio da sociedade judaica, o precursor do movimento sionista, Theodor Herzl, foi uma das mais destacadas figuras da história de Israel. Sua identidade pessoal se sobressai na história do povo judeu. Seu nome representa a encarnação do ideal messiânico que acompanhou Israel há mais de trinta séculos.

Na relação estabelecida entre a identidade e o antisemitismo, há que se entender claramente sua base primeira — o judeu. Por sua natureza, o judeu é considerado e percebido como algo “diferente”. Este feito, por si só denota uma importante característica da identidade. Como propala Ortis, toda identidade é definida em relação à alguma coisa que lhe é exterior: “*ela é uma diferença*” (ORTIS, 1986, 7).

Cabe uma questão: o que é o judeu? Por vezes ele é tratado como uma raça, outras como um grupo religioso, como um grupo linguístico ou, ainda, como uma nacionalidade. Entretanto, se existem judeus loiros, negros e amarelos, como poderiam ser uma raça?.

Existem inúmeros ateus que são judeus. Pelo mundo afora, os judeus falam inúmeras línguas diferentes, pois são cidadãos de vários países.

Assim, para compreender a identidade do judeu e sua representação, é mister saber que os judeus se constituem numa nação, assim como o são, por exemplo, os japoneses e os brasileiros, marcadamente diferentes, tanto física quanto culturalmente. Sem a intenção de estigmatizá-los, os judeus são um povo diferente de qualquer outro povo, como afirmam alguns estudiosos. Para Ciampa (1996, 138), *“a identidade é a articulação da diferença e da igualdade”*. O judeu viveu o sonho da humanidade de ser feliz sem que o poder econômico e político interferisse nisso.

O judeu é um cidadão do mundo. A pátria do judeu é o mundo. Vê-se judeu em toda a parte. Este é o sonho da humanidade. É a universalidade. É o viver sem fronteiras. Apesar desta desigualdade, poucos povos na história suportaram tanta violência, tantos combates e padecimentos semelhantes aos sofridos pelos judeus. Para Herzl (1949, 43), a caça a que foram submetidos os judeus, nunca provocou a defecção dos fracos. Ainda, conforme Adorno e Horkheimer (1985, 173): *“Chamar-se judeu equivale a um convite a seviciá-lo”*.

Brandão (1986, 35), afirma que a identidade pessoal é dada não só pelo nome, mas também pelas posições familiares, títulos de profissão, *status*, crença, posição social, raça. Assim, além de seu nome próprio, denota a identidade do judeu o fato de ele ser um povo, isolado em suas individualidades; os cidadãos judeus são diferentes. *“Todos do sexo masculino são Cohen, Levi ou Israel”* (ASHERI, 1987, 5). Conforme as diferenças se dissolvem, surge uma nova diferença, ressalta a singularidade, dentre outras, pelos costumes e pelo trajar.

Sabe-se que os judeus foram reconhecidos como indivíduos possuidores de direito, quando eclodiram as ideias das revoluções americana e francesa, particularmente a da igualdade fundamental entre os homens. Os direitos judaicos estão intrinsecamente ligados a essa filosofia de igualdade. Em contraposição, ao ser negado ao judeu o direito à igualdade em relação aos outros povos e nações, os nazistas promoveram o ódio que levou esse povo à morte.

Uma característica preponderante no estudo de Ciampa (1996), é tratar a identidade como metamorfose. No fundo, a metamorfose remete ao significado de

sentido que pode ser pensado como emancipação. A idéia de emancipação envolve a possibilidade de construir novas possibilidades.

Estas possibilidades podem ser comprovadas no simbolismo de Hebron<sup>6</sup>. É lá que estão os túmulos dos Patriarcas edificando quatro mil anos da história dos judeus, com suas disputas políticas e religiosas, refletindo sua longa capacidade de superar suas adversidades na construção de sua identidade.

O Sionismo, seja em Israel ou em qualquer outro lugar, foi e é uma revolução histórica sem precedente para o povo judaico. Para a mente judaica, sua memória está presente, pontilhada de êxitos e de infortúnios. Superar os flagelos é seu escopo. Sua materialização se dará no alcance da emancipação, conforme se encontra na obra *Yitzhak Rabin, O Soldado da Paz*: “A história dos antigos triunfos de Israel foi ao mesmo tempo a inspiração e o flagelo do Sionismo Moderno”. (Equipe da revista The Jerusalem Report, 1996, 311).

Ao se falar em identidade enquanto metamorfose, busca-se designá-la por mudanças. Se nunca desmanchar, destruir, nunca nada será (re) construído. Sempre algo nascerá e morrerá. “A realidade é movimento, transformação” (CIAMPA, 1996, 141). Ao tentar dizimar o judeu, o movimento antisemita fez nascer o movimento sionista em dimensões inabaláveis. Adorno e Horkheimer (1985) de modo implícito, abordam a metamorfose ao enunciar que:

A civilização é a vitória da sociedade sobre a natureza, vitória essa que tudo transforma em pura natureza. Os próprios judeus participaram desse processo ao longo dos milênios com espírito esclarecido e com cinismo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 173)

O ariano nazista queria dominar as leis da natureza. O judeu para os nazistas era considerado anti-natural. E como tal devia ser exterminado, pois rompia a perfeição da natureza; com suas leis e moral impedia a dominação da natureza.

Para reforçar a existência ariana, Hitler usava um termo mais apropriado para animais: Raça Pura. Segundo sua ideologia, esta raça pura era ameaçada por uma raça inferior: o povo judeu. Este raciocínio foi o estopim que deflagrou um dos eventos mais traumáticos da história da humanidade — o Holocausto, no qual, segundo consta, promoveu a morte de cerca de seis milhões de judeus. Sobre isso, Crochik manifesta que:

---

<sup>6</sup> Hebron é uma cidade localizada na região histórica da Judeia, onde estão abrigados os túmulos de Abraão, Isaac e Jacó.

A ideologia da raça pura do Nazismo, apoiada também na doutrina eugênica do aperfeiçoamento do ser humano, permitiu a discriminação social daqueles que eram considerados anti-raças, que poderiam, segundo aquele ideário, ameaçar a raça pura pelo cruzamento genético; além disso, representavam uma conspiração contra seus direitos de Raça Superior (CROCHIK, 1997, 43)

À medida que foram ocorrendo transformações na identidade do povo judeu, o singular materializou o universal. Como afirma Crochik:

A identidade individual é dada por elementos visíveis e invisíveis, constantes e imprevisíveis, sociais e individualmente, manifestos e ocultos, universais e particulares, permanentes e em mutação (CROCHIK, 1997, 57).

Em sua singularidade, feita de muitas singularidades, o judeu guarda no seu bojo uma universalidade imensa, inclusive com traços de mímese. A mímese é um impulso universal de certo modo reprimido pela civilização. Adorno e Horkheimer (1985) declinam que mesmo odiando os judeus, os antisemitas os imitam sempre. É a falsa mímese. Fazem-no ridicularizando para que eles sejam eliminados. Esses autores expressam que:

O que se considera judeu são sempre cifras miméticas: o gesto da mão que argumenta; a entonação cantante com que descreve, independentemente do sentido de juízo pro ferido, uma imagem animada das coisas e dos sentimentos; o nariz principium individuationis fisionômico e, por assim dizer, um caractere que inscreve no próprio rosto do indivíduo seu caráter particular (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. 171).

Assim, para Adorno e Horkheimer (1985), destas singularidades se universalizam inúmeras críticas: o falar gesticulando, denota a ideia da repetição, que está sempre presente. O olfato apurado, para repelir ou aproximar, daí o nariz grande. Pelo cheiro, tem-se o movimentar, perder-se no outro e com ele se identificar. Estes atributos denotam uma vigorosa característica da identidade do judeu. De outra feita, Goffman desnuda que tornar-se um certo tipo de pessoa não significa simplesmente possuir os atributos necessários. Para o autor, além disso, é preciso também preservar “*os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ele*” (GOFFMAN, 1999, 74).

Ciampa ensina ainda que a consolidação da identidade “*será sempre uma questão política*” (1996, 216). A identidade emerge da “*articulação de vários personagens*” e de igualdades e diferenças por meio da qual se dá a história pessoal (1996, 157). A identidade incorpora

a personagem pelo desempenho de papéis. Para Johnson, “*os judeus tiveram de fato um papel, porque eles escreveram para eles mesmos. Nesse particular reside a chave para a compreensão de sua história*” (JOHNSON, 1995, 623). Não é o caso, neste estudo, quantificar os inúmeros papéis das várias personagens da questão do antisemitismo, mas não se pode furtar de discorrer, que o fato de o homem nascer humanizável, faz emergir reflexões. Inúmeras possibilidades daí decorrem.

A ausência de programação genética dá a possibilidade de o ser humano ser várias coisas, encarnar várias personagens, desempenhar inúmeros papéis. Isolado, o homem fica desorientado, caótico. A ordem social supre este caos. Por isso que o nazista procura dissociar o ente de sua socialização primária; desqualifica a família do judeu, separa seus membros para, depois, aniquilá-lo.

A base da formação da identidade tem muito a ver com o coletivo. O homem só se torna individual a partir do coletivo. No campo de concentração, o judeu incorpora novos papéis, nova utopia. Ao alimentar o sonho de liberdade, adquire novo sentido de vida em sua história pessoal.

Às vezes, o judeu é praticamente proscrito. Outras vezes, as restrições são de natureza meramente social, sem muitos obstáculos na vida profissional e política. Com frequência, alguns setores da população judaica desfrutam melhores condições que setores da população não judaica. Todavia, de modo geral, o povo judeu tem o *status* de uma minoria desprivilegiada, o que não é suficiente para amenizar o ódio antisemita.

Desde há muito se reconhece que a base do antisemitismo é, em parte, a necessidade da maioria por um bode expiatório. O autocrático que governa a maioria precisa de um bode expiatório para distrair as massas. Parece que o sucesso do judeu estimula a propensão anti-semita. Via de regra, o comportamento social do judeu, especialmente o seu êxito profissional parece incitar irritações ao mundo que, há muitos séculos, habituou-se a ver nele o mais desprezível dos pobres. Como professa Herzl:

A causa remota do anti-semitismo é a perda da assimilabilidade, sobre a vinda na Idade Média; a causa próxima é a superprodução em inteligências médias, que não podem nem efetuar seu escoamento descendo, nem operar seu movimento ascensional subindo, ao menos de modo natural. Descendo, torna-se revolucionário, proletarizando-se. Ao mesmo tempo, cresce no alto a sua temida potência financeira (HERZL, 1949,62).



Pensa-se, assim, ter restado claro que a identidade se cristaliza com o evento social. O judeu, cuja individualidade se tornou, em certa feita, “perigosa”, viu-se na condição obrigatória de ter de ocultar sua identidade para sobreviver. Lewin classifica o comportamento social do judeu em dois grupos: os que agem dentro dos padrões normais e reforçam sua condição de judeus; e os que “*tentam ocultar*” sua condição judaica, passando despercebido (LEWIN, s.d. 196). O judeu precisou comportar-se de modo a não ser perceptível sua condição e origem judaica. A vergonha emerge na medida em que o indivíduo nota que seus próprios atributos judaicos são considerados impuros. Permanece, então, a virtualidade. Sobre isso, Goffmam preconiza que:

Quando conhecida ou manifesta uma discrepância entre uma identidade virtual e uma identidade real de um indivíduo, estraga a sua identidade social, ela tem como efeito, afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo, de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptível (GOFFMAM, 1988, 28)

Frente ao descrédito para fugir do antisemitismo exacerbado o judeu necessita de outra identidade pessoal diferente da sua. Destrói documentos e cria marcas; auto-produz cicatrizes. Resta a máxima de Marx e Engels, ao dizerem que “as circunstâncias fazem o homem assim como os homens fazem as circunstâncias” (1986, p. 5). Uma vez sob o domínio nazista, o judeu recebe forte carga que levará pelo resto de seus dias, como um animal marcado pelo dono.

O judeu é percebido pelos propagadores do discurso anti-semita com o qual interage, sempre a partir de certas classificações que os enquadram, segundo a concepção de Berger e Luckmann (1985, p. 49), como determinados “*tipos*”. O anti-semita apreende o judeu a partir destes “*tipos*”. São estas “*tipificações*” que nas mais variadas culturas padronizam as interações, estabilizando a realidade cotidiana. Decorre, assim, a institucionalização do antisemitismo, em que o desempenho dos papéis é mutuamente percebido e transmitido às novas gerações sendo legitimado pela linguagem.

Assim, o judeu sente-se odiado permanentemente. Todos amam odiar os judeus, mesmo sem sabê-lo. À medida que o princípio do “ódio” liga-se às novas gerações, estabelece-se a instituição do antisemitismo, transformando em julgamento final permanente o que de outra feita seria um sentimento transitório.

Ao dissecar de modo peremptório e lacônico que “não existe um genuíno antisemitismo e, certamente não há nenhum antisemita de nascença” Adorno e Horkheimer (1985, p.160) afirmam de forma direta, como a declarar que não existe qualquer indivíduo com tal moléstia contagiosa. Pelo entendido, o ódio é uma constância muito forte no sentimento antisemita, parecendo já vir ao mundo com esse sentimento incrustado. Um legado pela linguagem, legitimando a instituição do antisemitismo.

Embora as causas e razões específicas não caibam neste limitado texto, é fato inegável que o antisemita percebe o judeu persistindo em ser diferente; insistindo na manutenção de suas raízes, de seus valores e de sua identidade. Daí a necessidade de excluir e aniquilar o que é diferente. Este ponto de vista é compartilhado por Kuperman ao proferir que:

O judeu tem a sua identidade muito bem definida. Mesmo que não queira, existe toda uma base histórica, religiosa que propiciou ao judeu a identidade judaica. A família tem aspectos que se repetem, tem valores, cultura milenar. O judeu traz isso nele. O judeu se distingue não no sentido de se privilegiar mas de se diferenciar (KUPERMAN, 1992, 164).

Desse modo, para Kuperman, o antisemitismo é aquele que vê no outro as falhas que não enxerga em si mesmo. Laing concorda com essa ideia ao dizer que: “Todas as identidades exigem um outro alguém em quem e através de cujo relacionamento a auto-identidade é efetivada” (LAING, 1986, p.51). As diferenças na afirmação de identidade judaica alimenta o medo, gera o preconceito e cristaliza o ódio, sedimentando o antisemitismo. Como contempla Arendt:

A história do anti-semitismo, como a história do ódio aos judeus, é parte integrante da longa e intrincada história das relações que prevaleciam entre judeus e gentios desde o início da dispersão judaica (ARENDR, 1989, p.18).

A diferença entre o antigo ódio religioso antijudaico, com o moderno antisemitismo foi forjada como realidade cultural, cujo processo histórico se inicia quando se dá a ruptura do isolamento do judeu dos demais. No desejo de edificar uma identidade antisemita há que se mobilizar signos, no qual a religião e o Nazismo surgem dentre os mais vigorosos.

Muito se falou até agora acerca do antisemitismo. Pouco foi dito sobre o Sionismo. Sua noção, ainda que parca neste ensaio, é interessante para o discernimento do aspecto

religioso no trato da identidade e do antisemitismo. A questão da hegemonia do Pai (Deus) sobre o Filho (Jesus Cristo), traduzido por judaísmo *versus* cristianismo, é sua causa desde sempre. Adorno e Horkheimer preconizam que a “origem religiosa do antisemitismo está no fato de os adeptos da religião do Pai serem odiados pelos adeptos da religião do Filho” (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p.167). Assim, o Sionismo e o antijudaico se confundem entranhando-se um ao outro. Não obstante, são frutos da mesma árvore.

Sionismo é o movimento de libertação nacional do povo judeu, tão antigo quanto sua dispersão. A expulsão dos judeus de sua terra pelos babilônios, há 2.500 anos, intensificou a esperança do retorno ao lar judaico. Aí reside sua origem. A libertação e a reafirmação do vínculo histórico com a terra de Israel, são partes integrantes da experiência religiosa e cultural judaica. O Sionismo pretendeu despertar a consciência de sua identidade judaica e a certeza de que somente se tivesse um país próprio seu povo poderia viver em segurança livre de perseguições.

O termo Sionismo significa o retorno a Israel, que é uma abstração para muitos judeus. Em termos teológicos judaicos convencionais, a dispersão das comunidades judaicas pelo mundo é considerada uma consequência da punição divina por seus pecados. A tarefa dos judeus seria tentar aplacar a ira de Deus e revogar o decreto divino, para que possam retornar a Israel. A terra de Israel foi o berço do povo judeu. É lá que se formou sua identidade espiritual, religiosa e cultural de significação nacional e universal que deu ao mundo a Bíblia.

É na Bíblia que Ezequiel profetiza a liberdade e retorno a Sion se os judeus não se esquecerem de sua fé (1995, cap. 37). Sobre isso, Adorno e Horkheimer elucidam que: “A fé contínua a nutrir o ódio pelos que não a partilham. Entre os cristãos alemães, a única coisa que sobrou da religião do amor foi o antisemitismo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p.165).

Friedmann (1969) fala que, ao longo do tempo, o que restou da religião foi a fé e não o conteúdo em si da religião. O cristianismo representa um rompimento no qual o homem Jesus tinha o poder de perdoar. Na perspectiva judaica, este poder pertence somente a Deus. Ao analisar a fé sob a ótica judaica, Friedmann demonstra que:

A apologia da inquietação judaica só se justifica se apoiada numa fé... O crente judeu está persuadido ou quer persuadir-se da eternidade ou quer

persuadir-se da eternidade do antisemitismo... Somente o antisemitismo pode salvá-los (FRIEDMANN, 1969, p.259).

Pode-se então refletir que o antisemitismo antecede ao surgimento da igreja. Várias falácias foram desenhadas com conclusões enganosas. A morte de Jesus Cristo é uma delas. Costuma-se atribuir sua autoria ao povo judeu. Ora, o pecado não é fruto do coletivo; é pessoal.

Outra assertiva, diz que o povo judeu é portador de um castigo divino. Historicamente, nos tempos de Jesus Cristo, grande parcela do povo israelita não mais residia na Palestina. A diáspora antecedeu ao Cristianismo.

O antisemitismo, com outras denominações, possivelmente seja tão antigo quanto Abraão, o qual por ter intuído a existência de um Deus Único complicou a vida da humanidade ocidental que tinha a facilidade de ter um deus para cada fenômeno; estes deuses eram considerados bons e serviam inclusive para ornar seus lares.

É imperiosa a análise da visão crítica abordada sobre o ódio antisemita. Da mesma forma, cabe também discutir o ódio por tudo que se refere ao judeu, mormente na contemporaneidade. A perspectiva histórica é longa e precisa de recorte. Como afirma Erikson, “Recapitular o conceito de identidade, significa esboçar sua história” (ERIKSON, 1976, p.13). Este ajuizamento remete para a apreensão no início da década de 1930 devido a difusão de novos regimes totalitários, principalmente de extrema direita. Desse apogeu, eclode a emblemática figura de Adolf Hitler. Com a morte de Von Hindenburg, foi eliminada a figura do presidente e Hitler se autoproclamou “*Führer*”, líder máximo do 3º *Reich*.

Um intenso conjunto de esforços é disseminado pelo partido nazista no sentido de amalgamar o antisemitismo entre os cidadãos alemães com atos de violência exacerbada. Lojas foram lacradas. Professores foram impedidos de ensinar nas escolas. O povo é induzido a boicotar os negócios dirigidos por judeus. Uma onda de repressão contra judeus tem início, com um diabólico desfecho. Contudo, é mister saber que a iniciativa dos nazistas consistiu em consolidar o que já estava conduzido por longo tempo. Como contempla Sorlin:

Na Alemanha, os judeus não podiam, desde meados do século XII, sair de casa sem usar um chapéu amarelo de forma cônica que possibilitasse sua identificação imediata... Ao mesmo tempo objetivavam uma maior

vigilância, tencionavam isolar os judeus do resto da população (SORLIN, 1969, p.28).

O racismo do antijudaísmo lhe dá a âncora ideológica necessária para o antisemitismo. Bebem de várias fontes para formular sua ideologia. Esta dimensão foi emoldurada com a divulgação da imitação de um panfleto, sem base documental escrito contra Napoleão III, denominado “*Os Protocolos dos Sábios de Sião*”, que afirma que os judeus querem dominar o mundo. Ele serviu para propalar o ódio numa época em que a exaltação ao nacionalismo germânico atingia sucesso estrondoso.

Segundo Sorlin, “Hitler e seus cúmplices não ocultavam a ninguém a decisão de aniquilar o judaísmo” (SORLIN, 1969, p.81). Assim, o entusiasmo leva os nazistas à Solução Final, qual seja — extermínio total dos judeus. Contudo, como já citado, antes dos nazistas, o povo ariano já alimentava o ódio ao semita. Isto vem à tona explicitamente com Tucci Carneiro ao proferir que:

Não foi por acaso que a Alemanha se converteu na expressão máxima do antisemitismo moderno. Mas este não foi uma invenção de Adolf Hitler. O programa do Partido Nacional Socialista apenas trouxe à superfície velhos valores enraizados na mentalidade do povo alemão (TUCCI CARNEIRO, 1995, p.50).

Embora a questão seja polêmica, pode-se afirmar que os nazistas não obteriam sucesso e chegariam ao ponto em que chegaram, se não tivessem a opinião pública os apoiando. Além disso, foi conferido a Hitler consistência legal a sua filosofia racial por intermédio das leis de Nuremberg.

Com a implantação dessas leis, ao invés de justiça imparcial, sobressaiu o alcance dos fins políticos culminando com a proposta dos campos de concentração e do genocídio. Nesta perspectiva racista, os nazistas difundiram técnicas de eugenia para o aprimoramento da raça superior. Como propugna Jahoda: “Para quem estuda um fenômeno social que se produz num meio de que ele mesmo faz parte, só existem três possibilidades: ou está a favor, está contra, ou permanece indiferente”(JAHODA, 1969, p.24).

Mesmo os que se abstiveram e se mantiveram indiferentes, contribuíram sobremodo para com a violência e o terror. Certamente algo foi negligenciado e lacunas deixadas. A ideologia totalitária, antisemita e racista pregada num primeiro momento histórico, pelo futuro “*Führer*”, era grotesca, mas os poucos que inicialmente o levaram a

sério, foram suficientes para insuflar os demais ao absurdo, pois, como ensina Lasch: “Os nazistas não tinham nenhuma razão militar ou política para o extermínio dos judeus.” (LASCH, 1987, p.91).

O preço da emancipação judaica foi elevadíssimo. Foi necessário que se exterminassem seis milhões de judeus na Europa ocupada durante a segunda Guerra Mundial, para que a idéia sionista concretizasse o objetivo de se criar um Estado Judeu (TSUR, 1977, p.8).

Nas linhas que antecedem ao final deste ensaio, na tentativa de concluir o inconcluso é conveniente lembrar que a identidade foi enfocada como produto de diferenças e igualdades no qual o homem vive a possibilidade de buscar sua emancipação; no processo de construção de sua identidade, estabelece relacionamentos com seu mundo, atribuindo-lhe a condição de objeto, revelando-se e destacando-se como sujeito dotado de sentido.

É difícil digerir o sentido do antisemitismo. As razões variam de natureza histórica, religiosa, biológica ideológica e psicológica. Nenhuma delas traduz ou justifica o ódio e suas horríveis consequências. Perante a esta problematização, emerge a reflexão de que, mesmo que desprovido de juízo de valor, é inconcebível discernir que o homem contemporâneo assuma modos de pensar e exprima em seus discursos e práticas cotidianas posturas enveredadas ao antisemitismo que estimula o preconceito a outras minorias.

Hoje, como outrora, ao se evocar o antisemitismo não dá para se emudecer. O tema é envolvente e traz em seu bojo o absurdo a que os semelhantes da mesma espécie humana são capazes de chegar. Por tudo isso, é que se julga o assunto inconcluso. Como se tentou demonstrar, provavelmente, diversas gerações ainda testemunharão este contexto, O antisemitismo é um movimento assaz complexo. Concatena-se em sua essência a inveja de ofício e o preconceito hereditário. Não se pode desdenhar os sofrimentos do povo judeu. Friedman revela que: “O ensino do ódio e do desprezo foi difundido durante perto de dois milênios: seus efeitos não podem ser apagados durante alguns anos” (FRIEDMANN, 1969, p.232).

Não se pode escamotear o terror que eclodiu na morte de milhões de indivíduos, O holocausto é o ápice do antisemitismo; o ponto mais baixo da negação da dignidade da

civilização. Engendrou-se um protótipo industrial para concretizar o extermínio de um povo confundido como uma mera raça.

O nazismo, calcado em tradições antisemitas, amalgamados com as tendências do racismo moderno, impeliu uma formulação de mundo que levou o assassinato em massa ao grau ideológico para preservar uma raça pura. Como assevera Bauman: “A escravização dos judeus nunca foi objetivo dos nazistas...a situação que os nazistas queriam criar era a efetiva remoção dos judeus do mundo e da vida germânica”(BAUMAN, S.d. p.145).

Do mesmo modo, não se pode duvidar de que a maioria dos antisemitas, que não são poucos, sequer saibam que o são. O sentimento do antisemitismo é profundo e antigo. Ele está ali e acabará eclodindo; quanto mais for relegado e se fizer esperar, tanto mais veemente será sua irrupção. A questão judaica não é apenas uma questão nacional; para resolvê-la, é preciso antes fazer dela uma questão política universal, mas um universal ético.

A origem do judaísmo está calcada na ideia religiosa no qual vigora o pacto firmado entre Deus e os hebreus, fazendo dos judeus o povo escolhido. A matriz da violência está neste povo eleito, mas, pode-se questionar: Qual a diferença entre o povo eleito e a raça germânica superior? O judeu era o povo escolhido por Deus. O alemão foi o povo escolhido por Hitler. Ele criou o nazismo e gerou seus horrores absurdos.

Uma maneira de subestimar a importância do holocausto é particularizá-lo como um acontecimento da história judaica, que ocorreu aos judeus. É costume, os revisionistas relativizarem o horror, afirmando que o genocídio é uma expressão enérgica e exagerada para denominar o extermínio de judeus, já que outros povos também foram massacrados pelo 3º Reich.

O antisemitismo revisionista, diz também que a robustez da história do Holocausto, não passou de um golpe judaico para viabilizar a criação do Estado de Israel. Sob o pretexto de que Josué massacrou os filisteus e os habitantes de Jericó, acusa-se os judeus de genocídio e coloca em questão a existência do Estado de Israel. Passarão gerações até o Estado de Israel ser aceito como um evento normal. Uma boa forma de fortalecer a identidade judaica, seria a preservação do Estado de Israel...

É incrível que tudo o que ocorreu no holocausto, tenha acontecido em plena luz do século XX, na pátria de Marx que paradoxalmente em um de seus textos afirma que:

Não vamos buscar o mistério do judeu em sua religião, mas buscamos o mistério da religião no judeu real. Qual o fundamento secular do judaísmo? A necessidade prática, o interesse egoísta. Qual o culto secular praticado pelo judeu? A usura; Qual seu Deus secular? O dinheiro... A emancipação da usura e do dinheiro..., seria a autoemancipação de nossa época (MARX, s.d. p.55).

Ontem como hoje, a ganância do dinheiro gera inúmeras diferenças sociais. Pensa-se ter restado claro que o antisemita julga que esta diferença é encarnada pelo judeu. O antisemita tem medo da diferença. Este temor acirra então o fenômeno do antisemitismo. Mesmo hoje, surgem mais e mais pessoas contra a simples idéia da existência do judeu. Como abordado, quando o indivíduo precisa ser *anti* ou *contra*, com a sua postura, demonstra uma dificuldade de identidade (KUPERMAN, 1992, p.163).

Por derradeiro, nestas breves considerações sobre os dois objetos propostos — a identidade e o antisemitismo, percebe-se que há entre eles, uma inter-relação, pois, suas análises recaem no fato de se constituírem em opostos complementares. O pensamento no judeu remete à ideia do antisemitismo. A própria identidade judaica é construída a partir do estigma que lhe foi atribuída em sua trajetória. Muitos, mesmo os não simpatizantes da postura revisionista, creditam à trajetória histórica do povo judeu a derrocada reinante no mundo contemporâneo. Outros, julgam que a grande arma contra o antisemitismo reside na conscientização das tradições e da cultura semita.

Não parece que a questão seja conclusiva e que a solução esteja em medidas relativistas. O equilíbrio deve ser enaltecido. Nesta intermediação, é necessário atenção tanto com os que acreditam no caos irreversível, quanto com os que se gabam frente ao otimismo exacerbado. Tanto a ruína, quanto o sólido progresso são faces da mesma moeda. Ambos florescem da superstição e da fé.

## Referências Bibliográficas

A **Bíblia Viva**. 8. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



ASHERI, Michael. **O judaísmo vivo: As tradições e as leis dos judeus praticantes.**Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Rio de Janeiro: Zahar. S.d.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**,15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia.**São Paulo: Brasiliense, 1986.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina.**São Paulo: Brasiliense, 1996.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito: Indivíduo e Cultura.** São Paulo: Robel, 1997.

Equipe da revista The Jerusalem Report. **Yitzhak Rabin, o soldado da paz.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, Juventude e Crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FRIEDMANN, Georges. **Fim do povo judeu?** São Paulo: Perspectiva, 1969.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.**4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**, 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HERZL, Theodor. **O Estado Judeu.**São Paulo: Pioneira Judia, 1949.

JAHODA, Mc AcKermaman N. M. **Distúrbios Emocionais e Anti-Semitismo.** São Paulo: Perspectiva, 1969.

JOHNSON, Paul. **História dos judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KUPERMAN, Diane. **Antisemitismo: Novas facetas de uma velha questão**. Rio de Janeiro: Pontal, 1992.

LAING, R. D. **O Eu e os Outros**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LASCH, Christopher. **O Mínimo Eu: Sobrevivência Psíquica em tempos difíceis**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEWIN, Kurt. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Cultrix. s.d.

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. São Paulo: Moraes, s.d.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

ORTIS, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SORLIN, Pierre. **O Antisemitismo Alemão**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

TSUR, Jacob. **A Epopéia do Sionismo**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza, **O Anti-semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense: 1995.